

Capítulo 5

INTEGRAÇÃO AGROECOLÓGICA PELA SOBERANIA ALIMENTAR EM COMUNIDADE QUILOMBOLA NA AMAZÔNIA AMAPAENSE, BRASIL

Julia Franco Stuchi

Edilson Braga Rodrigues

Jorge Federico Orellana Segovia

Resumo: A Agroecologia, orientando a agricultura à sustentabilidade no seu sentido multidimensional, apresenta nessa experiência uma proposta de oferecer aos agricultores familiares no extremo norte da Amazônia oriental brasileira uma alternativa ecológica para a soberania alimentar. Com a sinergia da atuação conjunta dos diversos atores por meio de visitas técnicas, oficinas, dias de campo e intercâmbio de experiências, buscou-se a coevolução do ambiente natural focado na qualidade de vida. Os resultados apresentaram alternativas de técnicas agroecológicas melhoradas e socializadas pelos atores rurais, capazes de trazer opções diversificadas de alimentos saudáveis para a comunidade, assim como possibilidades de ampliar seu mercado e oportunidades de aumento de renda. Concluiu-se assim que a participação dos protagonistas em todas as fases do processo trouxe uma resposta positiva às suas próprias aspirações, principalmente buscando alternativas de enfrentar as dificuldades coletivamente.

Palavras-chave: Produção sustentável; Orgânicos; Agricultura familiar; Construção do conhecimento.

1.CONTEXTO

Conforme Lamarche (1993), as estratégias de produção e reprodução da exploração familiar são organizadas e pensadas mediante seu passado histórico, com suas raízes culturais e o modo de vida mais tradicional, assim como para atingir o melhor desempenho que os projetam para o seu futuro. Nesse sentido, Finatto e Salomoni (2008), indicam que os agroecossistemas familiares também representam traços compatíveis com os princípios do desenvolvimento sustentável, que permitem o redesenho dos agroecossistemas, adaptando-os aos princípios de uma nova proposta de desenvolvimento, que priorize os pilares da sustentabilidade.

No Estado do Amapá observa-se que a insuficiência de renda, associada às deficiências como baixa escolaridade, ausência de saneamento básico e de atendimento à saúde, deficientes condições de habitação e moradia, entre outras, refletem diretamente no contexto socioeconômico (SEGOVIA, 2011). Desta forma, esses fatores expõem um contingente amplo da população de agricultores rurais de base familiar a total vulnerabilidade nos processos produtivos, colocando em risco de desabastecimento agroalimentar, proveniente da produção agrícola local (GONÇALVES, 2010).

Nessa realidade, as 70 famílias da comunidade quilombola São João I do Maruanum II trazem historicamente as atividades de caça, pesca e a agropecuária, e como principais produtos a criação bubalina nos campos alagados da comunidade, a mandioca (*Manihot esculenta*) usada para a produção de farinha, e a macaxeira (*Manihot utilissima*) para o consumo direto. No entanto, procurando formas para a soberania alimentar e incremento de renda, a comunidade procurou a Assistência Técnica e a Extensão Rural (ATER) local para iniciar a produção de hortaliças e frutas de base ecológica, que por sua vez foi buscar na Embrapa Amapá mais subsídios técnicos para tal.

Assim, o presente trabalho indaga se a agricultura familiar na referida comunidade quilombola do extremo norte da Amazônia oriental brasileira representa um modelo que permita sua reprodução com capacidade de promoção do enfrentamento da insegurança no abastecimento agroalimentar.

2.DESCRICÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência foi desenvolvida na comunidade quilombola São João I do Maruanum II, localizada no Distrito de Maruanum, a 40 km do centro do município de Macapá, Estado do Amapá, Brasil. A experiência foi iniciada a partir de uma demanda estruturada desta comunidade quilombola à extensão rural local, logo vinculada a um projeto de base agroecológica que estava sendo desenvolvido na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa Amapá) para a produção orgânica de hortaliças e frutas tropicais. Foram assim realizadas 160 horas de trabalho onde foram introduzidas em bases agroecológicas 14 espécies de hortaliças com potencial de desenvolvimento favorável para as condições edafoclimáticas locais. A experiência contou com as 70 famílias da comunidade.

O trabalho desenvolvido contou com: 1) Visitas técnicas; 2) Oficina de construção do cultivo protegido; 3) Oficina de compostagem orgânica; 4) Oficina de horticultura orgânica; 5) Oficina sobre fertilidade do solo e de hortaliças; 6) Oficina sobre fertilização do solo e adequação da adubação para horticultura; 7) Oficina sobre cultivo agroecológico de hortaliças (Figura 1); 8) Dias de campo sobre horticultura orgânica e cultivo de culturas diversificadas; 9) Intercâmbio de experiências com atores locais e estrangeiros (Figura 2).

Figuras 1 e 2. Oficina de cultivo ecológico de hortaliças na comunidade quilombola de São João/ Distrito de Maruanum, Macapá-AP; Intercâmbio internacional de experiências.



Fonte: Julia Stuchi, 2014.

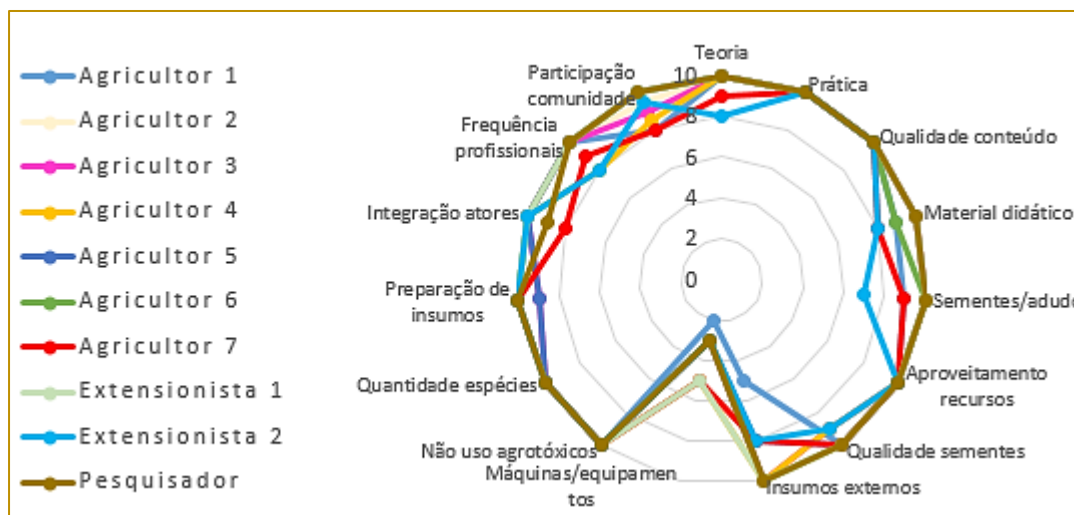
A temática foi pesquisada com a utilização do método qualitativo e quantitativo. No método de amostragem para as entrevistas foi determinado 10% do universo total de agricultores familiares, representados por sete quilombolas ao acaso, dois extensionistas e um pesquisador da Embrapa Amapá. A atividade embasou-se em três pilares: inovação em agrotecnologias ecológicas; sinergia do trabalho participativo; e possibilidade de empoderamento da comunidade visando a soberania alimentar.

Para avaliar o processo de construção participativa das práticas agroecológicas adotadas foram realizadas entrevistas com 15 perguntas contendo valores de zero (extremamente mal) a 10 (excelente). Além da quantificação, foram registrados os depoimentos qualitativos de cada uma das avaliações dentro dos seguintes pontos: 1) Integração entre a pesquisa, extensão rural e a comunidade; 2) Construção teórica do conhecimento; 3) Construção prática do conhecimento; 4) Qualidade do conteúdo transferido; 5) Qualidade do material didático (apostilas, filmes, projeções); 6) Adequação e suficiência de material prático (sementes, adubos e material de apoio); 7) Aproveitamento de recursos disponíveis no local; 8) Frequência dos profissionais de extensão e pesquisa na comunidade; 9) Qualidade do material genético (sementes de cada espécie); 10) Participação da comunidade no processo, incluindo o desempenho da liderança; 11) Disponibilidade de insumos agrícolas externos; 12) Disponibilidade de máquinas e equipamentos, incluindo adequação e suficiência de equipamento de irrigação; 13) Possibilidade de não usar agrotóxicos; 14) Quantidade de espécies trabalhadas na unidade demonstrativa, totalizando 14 espécies; 15) Possibilidade da preparação dos insumos orgânicos na propriedade.

3.RESULTADOS

De acordo com a avaliação das atividades desenvolvidas, é de extrema significância a demanda da comunidade pelo cultivo de hortaliças sem aplicação de agrotóxicos, assim como o reaproveitamento de resíduos sólidos e líquidos gerados pela própria comunidade (Figura 3). Percebe-se que através de uma gama de conhecimentos em agroecologia foi possível compartilhar, desenvolver e apropriar tecnologias capazes de gerar bens e serviços voltados para agricultura familiar. Dentre as práticas implementadas destacaram-se a reciclagem de resíduos sólidos (esterco bubalino, restos vegetais das lavouras, cinzas) utilizados na compostagem e adubação e o uso de tucupi (sumo extraído da raiz da mandioca brava) no controle de pragas.

Figura 3. Resultados da avaliação do processo de construção participativa das práticas agroecológicas adotadas pela comunidade São João I do Maruanum II.



As inspeções fitossanitárias mostraram que a utilização do tucupi foi eficiente no controle de pragas devido a presença de cianetos, que respondem pelas ações inseticida, acaricida e nematicida, e a alta concentração de enxofre, que atua como fungicida, inseticida e acaricida (Pontes, 2006). A baixa incidência de doenças foi também o resultado de alguns cuidados essenciais, como a utilização de solo para substrato colhido na profundidade de 50 cm abaixo da superfície, o tratamento térmico de sementes (50°C/25 minutos), o tratamento químico das sementes com extrato de própolis (10 gotas de própolis/100mL de água), as pulverizações quinzenais com extrato de própolis (10mL de própolis/20L de água), as pulverizações semanais com tucupi, e a manutenção das mudas em viveiro telado até o transplante.

No que diz respeito a qualidade do conteúdo e material didático desta experiência, recomenda-se a adaptação de apostilas e filmes às condições de entendimento do público envolvido, com uma linguagem simples, assim como cartilhas e folders didáticos adequados à baixa escolaridade dos comunitários em questão.

O maior entrave para o desenvolvimento da experiência foi a dificuldade de acesso a máquinas e equipamentos de preparo de solo (microtrator e rotocanteirador) e equipamento de irrigação (bombas, conexões, aspersores e gotejadores), considerados fundamentais ao desenvolvimento da horticultura entre os agricultores familiares.

Denota-se que neste processo, a capacidade de criar, gerir e difundir conhecimento de forma participativa mostrou grande eficiência e tornou-se um fator decisivo na qualidade do conhecimento produzido e multiplicado, mostrando que é possível ter maior rentabilidade, soberania alimentar e nutricional em menor prazo de tempo com a produção de hortifruti.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de capacitação teórico e prático juntamente com o intercâmbio de experiências agroecológicas possibilitaram encontrar alternativas de baixo custo para a adubação e para o controle de pragas das culturas, garantindo a produção de alimentos isentos de resíduos de agrotóxicos e reduzindo a necessidade de aquisição de insumos externos do solo.

A construção do conhecimento coletivo trazida na experiência dos distintos grupos de atores possibilitou a utilização de tecnologias agroecológicas adaptadas às condições ambientais e socioeconômicas da região, gerando diversificação e aumento na produtividade das culturas alimentares. Essa conquista só foi possível através da sinergia do trabalho participativo entre agricultores, extensionistas e pesquisadores, permitindo o empoderamento dos conhecimentos de produção pela comunidade visando a soberania alimentar. Desta forma, oportunizou-se a possibilidade de aumentar a segurança agroalimentar da comunidade quilombola garantindo sua reprodução no enfrentamento da fome e no auxílio complementar à renda.

5. AGRADECIMENTOS

Um especial agradecimento a força de vontade da comunidade quilombola protagonista deste trabalho; à Emater local (Rurap) especificamente nas pessoas de Morubiaxaba e Galviston, que não mediram esforços para concretizar o sonho destes camponeses; à estagiária Aolibama, sempre disposta e solícita; ao técnico agrícola Edilson Rodrigues, pela maestria que realiza seu trabalho.

REFERÊNCIA

- [1] Finatto, R. A.; Salamoni, G. Agricultura familiar e agroecologia: perfil da produção de base agroecológica do município de Pelotas/RS. *Uberlândia: Sociedade & Natureza*, 20 (2): 199-217, 2008.
- [2] Gonçalves, M. C. A. Desempenho da agricultura familiar na segurança do abastecimento agroalimentar do estado do Amapá. 2010. 140 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional – Mestrado Integrado em Desenvolvimento Regional-MINTEG). Universidade Federal do Amapá. Macapá, 2010.
- [3] Lamarche, H. Agricultura familiar: Comparação Internacional. Campinas/SP: Ed: UNICAMP, 1993. 336p.
- [4] Pontes, J. J. da. Cartilha da manipuera: uso do composto como insumo agrícola. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil. 2006.
- [5] Segovia, J. F. O. Dimensão da agricultura familiar e periurbana no estado do Amapá: desafios para o abastecimento frente à urbanização. Tese (Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido – NAEA). Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.